

O Douro visto do monte da Arrabida

Nas scenas da natureza os contrastes são como o chrysol, no qual as suas graças e formosura mais se apuram e sobresaem.

É muito agradavel, entrando a barra do Douro, ver os arvoredos que fazem caixilho de verdura á povoação da Foz, e que vão assombrando a estrada á beira do rio. É bello ver ambas as margens montuosas vestidas de bosques, em que ora se mostram, ora se escondem, aqui uma habitação esplendida, alli uma casa humilde, além uma aldeiasinha, mais longe um estabelecimento fabril. Enlevam-se os olhos contemplando por entre os pinhaes, ou através dos renques de carvalhos, toucados de vides, viçosissimos prados, ou estendidos como alcatifas ao longo do rio, que na estação invernosa os inunda e fertilisa, ou dispostos em throno nas quebradas dos montes de Sampaio. Porém todas estas bellezas são singularmente realçadas pelas fragas inhospitas do monte da Arrabida.

Não ha artista mais engenhoso e de melhor gosto que a natureza. Nem o pintor mais eximio, nem o poeta de mais viva e imaginosa phantasia, poderiam crear em meio de um painel de risonha paizagem contraste mais apropriado para dar aos verdores maior graça e brilho, e novo realce ás aguas do Douro, em que se reflectem, do que a massa elevada e compacta de rochas escalvadas, ennegrecidas pelo embate das tempestades, tristes, austeras e ameaçadoras, verdadeira imagem do chãos e da morte, no centro de um quadro resplandecente de luz, e cheio de vida e de alegrias.

Todavia, o monte da Arrabida, que estanceia quasi a meio caminho do Porto á Foz, na margem direita do Douro, separando com seu vulto sinistro a frondosa alameda do Oiro dos arvoredos de Massarellos e dos formosos bosques de Entre-Quintas, não apresenta nas suas vertentes de oeste e léste a mesma aridez e aspecto carregado com que faz rosto ao Douro. Póde presumir-se, ao vel-o assim encarar o rio com tão feia catadura, que pretende impor-lhe medo para que o respeite nos dias em que o mesmo rio, poderoso e soberbo com as chuvas do inverno, sae arrogante do seu leito, parecendo querer destruir com o impeto da sua corrente tudo quanto pouco antes se espelhava tranquillamente no seu seio de cristal.

O monte da Arrabida entrava, ainda não ha muitos annos, pelo Douro, banhando nas aguas do rio o seu dorso todo eriçado de penhas. Então a communicação terrestre do Porto para a Foz era pela estrada que vae passar, no interior, pelo alto do mesmo monte. Depois, já n'este seculo, começou-se a estrada marginal, e pouco a pouco a polvora e a picareta foram obrigando o monte a afastar-se do rio para offerecer logar ao progresso, para dar passagem á bella estrada macadamisada e guarnecida de arvores que une a cidade á Foz.

A nossa gravura retrata bem ao natural uma das lindas vistas do Douro que se desfructam do monte da Arrabida.

I. de Vilhena Barbosa.

D. FR. MANUEL DE S. GALDINO

(Conclusão. Vid. pag. 110)

IV

A virtude que mais resplandecia em D. Fr. Manuel, e o rodeava de aureola, era a caridade, que o levava a gastar em esmolas tudo quanto adquiria. Era o verdadeiro padre Myriel dos *Miseraveis*. Cria que como

religioso e como successor dos apostolos lhe era crime reunir dinheiro e especular com o seu cargo, assim como cria que a sua bolsa era o thesouro da indigencia. Nas mais imperiosas circumstancias nunca desmereceu o titulo de pae dos pobres.

Além de distribuir consideraveis sommas em esmolas occultas, edificou e dotou á sua custa a egreja de S. José do Areial, na aldeia de Curtorem de Salsete, a de S. Jacinto, da mesma comarca de Salsete, a de Marcella, na provincia de Pondá, duas na provincia de Canacona, e uma em Penem das Novas-conquistas. Tirou do nada o palacio de Panelim, dispendendo para a sua compra e embellezamento avultada quantia, com a ajuda da fazenda publica. Acudiu a muitas familias principaes das ilhas, Salsete e Bardez, vexadas pela fome, assignando-lhes para o seu sustento contribuições periodicas. Quando estava de visita na egreja de Curtorim, doeu-lhe o coração ao ver postos em hasta os bens de uma familia nobre, que d'este modo se expunha a completa pauperie; arrematou os bens do valor de um conto de réis proximamente por sua conta, e cedeu-os generosamente a essa desventurada familia. Sustentou a suas expensas nos seminarios muitos estudantes pobres, e não os abandonou sem prover ao seu sustento.

O seu palacio era o valhacouto da desgraça, e a sua porta nunca se fechou á voz do desamparado. As pessoas que trataram com o arcebispo contam que mettia dó vel-o no dia em que recebia a congrua. Tantas eram as familias a quem acudia, que, separando os donativos, que não podia dispensar, não lhe restava mais que uma quantia bem insignificante. Affligia-se quando, fallido de recursos, não podia soccorrer os indigentes; e corre que uma vez intentára destroçar um jardim que lhe servia de recreio, só porque gastára ahi algum dinheiro que podia ser applicado ás esmolas.

Crê-se que, rogado por uma sua irmã, que vivia em Portugal na maior pobreza e fôra sua segunda mãe, lhe enviára pequena esmola, com a declaração de que mais não lh'a mandaria, porque na India havia pessoas a quem não podia negar o seu auxilio. Com effeito, os seus herdeiros foram os pobres da sua diocese, instituidos por seu testamento de 24 de maio de 1828. Segundo nos assegura o laborioso escriptor, o sr. Miguel Vicente de Abreu, nos *Apontamentos biographicos* do nosso prelado, escriptos com muita minuciosidade, e que nos serviram de grande subsidio para o presente esboço, o seu espolio inventariado importou, satisfeitas as dividas e os encargos, em 5:894 xerafins e 2 tangas, que foram distribuidos conforme a generosa intenção do testador.

Alem d'isto, acharam-se dois saccos contendo dinheiro em moeda, destinado para o dote de duas donzellas necessitadas, e para o donativo á egreja de S. José do Areial, o qual tambem foi applicado para o fim que lhe estava marcado.

Foi d'este modo que se repartiu toda a sua riqueza. *Argentum et aurum aut vestem nullius concupivi, sicut ipsi scitis*, dizia S. Paulo ao povo de Mileto. Repetiu-o D. Fr. Aleixo de Menezes ao despedir-se da India em 1610, e em 1828 podia D. Fr. Manuel de S. Galdino fallar essas memoraveis palavras, e com ellas fechar o seu testamento.

V

É força confessar que, guiado pelo genio violento e desabrido, revelou por vezes nos seus actos grande precipitação, e nas suas resoluções notavel prepotencia. A consequencia foi arrostar as iras dos poderosos, que, feridos sem dó pelo fogoso arcebispo, o perseguiram por meio de recursos, e juraram a sua ruina nos dias de vertigem popular. O amor da justiça brilhava comtudo n'elle, e, convencido de erro, era o primeiro a emendar os seus aggravos, confessando nos despachos a sua culpa.

Professava por convicção o absolutismo, e detestava os principios constitucionaes. O sr. D. Miguel de Bragança teve n'elle um partidario denodado. Lamentou que as raizes da arvore da liberdade brotassem na India, e de coração sentia que nas suas mãos não estivesse o condão para impedir a torrente das idéas liberaes, que, depois de abalarem a metropole, invadiam as provincias ultramarinas.

Por mais que timbrasse em manifestar o seu indifferentismo na celebre commoção politica de 1821 a 1822, em que luctavam em pugna violenta o absolutismo e a constituição; por mais que se gloriasse de andar longe das polemicas dos partidos, como incompativeis com a augusta missão de que estava revestido, a sua indole ardente e a sua convicção abalada arrastaram-n'o ao terreno politico, onde a sua influencia se resentiu em mais de uma questão popular. Denunciado pelos seus inimigos como perturbador do socego publico da provincia de Bardez, teve sérias desintelligencias com o governo, e teria expiado a sua dedicação partidaria com o exterminio requerido pelo exercito, se não lhe valesse a protecção do seu amigo, D. Fr. Paulo de S. Thomaz de Aquino, arcebispo de Cranganor, e um dos membros da junta que dirigia o leme do estado. As hostilidades nunca cessaram de incommodal-o, e os receios de uma traição tanto influiram n'elle, que procurou o abrigo em Sunkerim, territorio britannico, d'onde voltou depois de anno e meio de ausencia.

VI

Nunca abandonou os estudos da sua profissão. Era largamente versado nas bellas letras, e familiar com as obras mais selectas. Prezava-se de ser mestre na arte de fallar e de escrever o portuguez, e deixava perceber que, depois da sua pessoa, o primeiro litterato e escriptor em Goa era o desembargador Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, auctor de valiosas obras, e uma das mais robustas intelligencias que de Portugal tem vindo a estas paragens.

Depreciando os prégadores seculares, e notando graves defeitos nos prégadores religiosos, honrava-se o arcebispo de sustentar a reputação oratoria na India; e com o intuito de reformar a tribuna sagrada não só redigiu, mas até publicou a sua pastoral sobre o modo de desempenhar dignamente o sagrado ministerio da prégação da palavra de Deus.

Esta memoravel pastoral, impressa em Calcuttá em 1818, a expensas do commerciante José Barreto, a quem é dedicada, foi acceita sem relutancia pelo clero secular, que temia oppor resistencia ao prelado. O mesmo gasalhado não recebeu da parte dos frades, que estavam convencidos da sua manifesta capacidade oratoria, e eram pouco afeitos a supportar o orgulho dos arcebispos, armados, como estavam, dos seus privilegios e immunidades.

D'entre os religiosos, os que mais se revoltaram contra a pastoral foram os dominicanos, que tinham o credito de distinctos prégadores, e que se offenderam com a carta de D. Fr. Manuel, que acompanhava os exemplares da pastoral que lhes remettia, e na qual os exhortava para se emendarem dos vicios que commettiam no pulpito. O seu vigario geral, Fr. Manuel de S. Joaquim Neves, tanto se incommodou com esta advertencia, que pediu ao prelado que indigitasse os frades que tinham os defeitos indicados. Respondeu que eram todos, menos um. Replicou o superior dos dominicanos, que folgava que o prelado encontrasse ao menos um prégador bom, e que dava parabens á sua fortuna por nunca ter prégado em sua presença.

Assim nos diz o sr. M. V. de Abreu, que provavelmente leu a correspondencia entretida entre o arcebispo e os filhos de S. Domingos.

Não descançaram com isto os dominicanos, e, em termos os mais violentos e mordazes, escreveram uma refutação á pastoral, que mais tarde saíu á luz dos prelos do Rio de Janeiro com o titulo: *A pastoral examinada, ou reflexões criticas sobre um alfarrabio que se deu á imprensa em Calcutá, intitulado «Pastoral, etc.»* Muito bem diz o distincto bibliographo portuguez e mestre dos julgadores das producções litterarias, o nosso prezado amigo o sr. Innocencio Francisco da Silva, no tomo V, pag. 440, do *Diccionario bibliographico*, que na refutação propoz-se o auctor imitar o estilo de José Agostinho de Macedo, tomando por modelo o opusculo que este escrevêra com o titulo de *Inventario da refutação analytica*, etc.

Foi o nosso arcebispo um dos rarissimos portuguezes que se deram ao estudo da lingua concani. Dizem os que o ouviram fallar e prégar n'esta lingua, que se esforçava, mas não conseguíra habilitar-se na sua verdadeira pronunciação.

VII

Solicito em pedir á corte a nomeação de coadjutor que entrasse immediatamente no governo depois da sua morte, não teve a fortuna de ver realisados os seus desejos, e terminou os seus dias deixando a *Roma da Asia*, como elle chamava á egreja do Oriente, na dolorosa viuvez, e exposta a durissimas afflicções que a atormentaram.

A molestia que o victimou foi a cholera-morbus. Accommettido por este terrivel mal, todo o tratamento lhe foi inutil, até que, no dia 15 de julho de 1831, ás 4 horas da tarde, exhalou o derradeiro suspiro, contando 62 annos de edade e mais de 19 de governo.

O seu corpo jaz na cathedral da antiga e desmoronada cidade de Goa, e a sua honrada memoria e perduravel saudade vivem no coração agradecido dos povos indianos, que tanto devem á sua sagaz intelligencia e á sua paternal solicitude.

Goa (Margão), 6 de maio de 1867.

J. C. Barreto Miranda.

A VARA DE AÇUCENAS

(Vid. pag. 115)

III

A chuva, que durante a noite já fôra escassa, serenou ao amanhecer, e o forasteiro levantou-se cedo, dizendo que o fazia para passar o rio antes que a corrente augmentasse e o tornasse invadeavel.

Catharina teve boa vontade de perguntar-lhe por que desejára quebrar-lhe a formosa vara de açucenas, mas não se atreveu porque já dissemos que o rosto, o olhar e a voz do desconhecido infundiam pavor sem se saber por quê.

Catharina e sua mãe pediram-lhe que esperasse um pouco em quanto lhe preparavam o almoço, mas insistiu em partir immediatamente, e perguntou-lhes quanto devia pela ceia e poisada.

— Não nos deveis mais que a boa vontade, lhe respondeu a anciã.

— Pois então muito agradecido e desejo-lhes boa saude, disse o desconhecido e se partiu, vadeando o Cadagüa por umas enormes pedras que então faziam as vezes de ponte, onde hoje se ergue a de Castrejana.

Não eram infundados os receios do forasteiro de que o rio se tornasse de subito invadeavel, pois quando o passou já a agua começava a cobrir as pedras.

Catharina assomou a uma janella que dava para o rio, e dividiu a sua attenção entre o viajante, que se afastava pela estrada de Iturrioz, e Martinho, que estava no extremo de uma geira compondo um vallado que dava para a estrada, por onde acabavam de entrar umas cabras na herdade.

Parára alli o desconhecido para fallar com Martinho. A distancia e o ruido do Cadagüa impediam Catharina de ouvir a conversação, mas notou que Martinho se enfurecia e olhava com gesto ameaçador para a casa de Castrejana.

Não sabemos se porque necessitasse de agua em casa, ou por ter occasião de fallar com Martinho, Catharina tomou o cantaro na cabeça e disse a sua mãe que ia á fonte do Castanheiro antes que se tornasse invadeavel o rio; mas ao chegar ao vão teve que retroceder porque a corrente occultava inteiramente as pedras.

Pouco depois, Catharina, com um cesto de hortaliça na cabeça e a vara de açucenas na mão, tomou o caminho de Bilbao como todas as manhãs; mas em vez de ir cantando e rindo, como sempre, ia silenciosa e triste.

Á ida e á volta de Bilbao, quando chegava a Altamira, suspendia sempre o seu canto e ajoelhava ao pé de um gigante castanheiro d'onde se descobria ou perdia de vista o sanctuario de Begonha. N'aquella manhã ajoelhou tambem e rezou mais que nunca, e até chorou em quanto rezava. Que transformação se operaria na pobre Catharina? Nem ella propria o sabia; mas sentiu no coração uma tristeza muito funda, como se estivesse ameaçada de uma grande desgraça.

Chegou á praça de Bilbao, e, em quanto vendia a hortaliça, cuidava ao mesmo tempo da vara de açucenas para que ninguem lh'a quebrasse.

Muitas pessoas, encantadas d'aquellas flores, queriam compral-as, mas Catharina dizia-lhes que não as venderia por preço algum, porque as trazia para offerecel-as a uma senhora.

Quando acabou a venda, subiu a Bilbao, poz no altar da Virgem a vara de açucenas, e, atravessando de novo o Ibaizábal pela unica ponte que então havia em Bilbao, que era a que hoje chamámos de Santo Antão, dirigiu-se para Castrejana.

O Cadagüa continuava engrossando, porque durante a manhã chovêra em torrentes nas Encartações.

Catharina olhava continuamente para as herdades e casa de Iturrioz e não via Martinho; mas qual não seria a sua surpreza e o seu terror quando, ao esconder-se o sol atraz dos montes das Encartações, viu que o mancebo subia para Baracaldo, por cima de Zubileta, que está na margem opposta do Cadagüa, armado de loriga e balhesta, como n'aquella epocha andavam os homens de armas dos diversos bandos!

Os bandos Onhacino e Gamboino não assolavam por então o senhorio de Biscaya e suas Encartações; mas contendiam sem tregua nos meirinhados de Castella, e singularmente em todo o terreno do Ebro, desde Puentelarrá até Valdivielso, capitaneados pelos Salazares e Velascos, e tinham constantemente em Biscaya mandatarios, encarregados de ajustar homens que, fiados em lisongeiras promessas, nada podiam encontrar que lhes désse gloria, mas tinham quasi certa a sepultura além das penhas.

Catharina correu á margem do rio e esperou que Martinho chegasse á margem opposta. Martinho chegou, com effeito, e, lançando a Catharina uma pedra envolta em pergaminho, continuou para a casa de Iturrioz, em quanto Catharina lia aterrada o pergaminho, que continha estas linhas escriptas pela propria mão de Martinho:

«Antes quero morrer longe d'aqui pelejando contra os inimigos dos Salazares, que morrer aqui combatendo contra o teu desamor e infidelidade. Á meia-

noite de hoje reuno-me junto do castanheiro de Iturrioz com outros mancebos, e parto-me com elles para os meirinhados de Castella, onde espero que a morte ou a ausencia me façam esquecer-te.»

IV

Os sinos dos religiosos de Burcenha tocavam á oração, e Catharina chorava sem conforto, e desesperava-se vendo que passava o tempo e se avisinhava a hora em que Martinho havia de se partir, provavelmente para nunca mais voltar.

Dirigia baldadamente a vista para o váo, esperando descobrir as pedras que faziam as vezes de ponte; as pedras permaneciam occultas no fundo da agua, que era cada vez mais caudalosa e rugia com mais furia.

— Que fiz eu, Maria Santissima, dizia com dor profunda, para que Martinho duvide de mim e se parta a morrer n'essas guerras que consomem os melhores cavalleiros e os mancebos mais honrados de Biscaya! Um fatal equivoco ou uma villã calumnia veiu, sem dúvida, tornar ambos infelizes. Com uma palavra minha desenganaria Martinho e dissuadil-o-hia do seu funesto proposito; e não posso aproximar-me d'elle nem proferir essa palavra, porque o rio, cada vez mais furioso e implacavel, se entrepõe entre nós. Ah! daria a vida para poder atravessar essa furiosa corrente antes que os sinos de Burcenha, annunciando a meia-noite, annunciem ao mesmo tempo que já não ha felicidade para Martinho nem para mim n'este mundo!

Assim disse a pobre Catharina chorando ao pé de um castanheiro e dirigindo a vista nublada pelas lagrimas, ora para o váo, onde as pedras não appareciam, ora para as herdades e campos de Iturrioz, onde já não apparecia Martinho, que sempre vagueára por alli, olhando para a margem opposta.

De repente ouviu passos, e, voltando-se, viu ao seu lado o mysterioso viajante que em a noite anterior se hospedára em sua casa.

Uma esperança, insensata porque se fundava em um absurdo, raiou na alma de Catharina.

— D'aqui, disse para comsigo, até Arangúren, que está nos limites do valle de Salcedo, não ha ponte alguma, e, comtudo, esse homem passou o rio não distante d'aqui. Talvez alguma das arvores giganteas que ha na margem do rio fosse derribada pela tempestade, e cruzando-se á maneira de ponte de uma margem para a outra, deixe que se passe a salvo para além. Se assim é, esse homem m'o dirá, e eu encontrarei o caminho que desejo, verei a Martinho esta noite e obstarei a que se elle parta para a guerra.

Tudo isto disse, ou antes pensou Catharina.

— Por onde passou o rio? perguntou com anciedade ao desconhecido.

— Pela ponte de Arangúren, respondeu este.

— Como póde ser isso, se a ponte de Arangúren está a tres legoas d'aqui?

— Fazendo prodigios.

— Prodigios! Ah! quem podéra como o senhor fazel-os!

— E qual era o primeiro que faria?

— Passar o rio.

— Para isso é necessario uma ponte.

— De certo.

— E eu posso fazel-a.

— Como? Derribando alguma d'estas arvores e collocando-a de uma para a outra margem?

— É impossivel, porque o rio é muito largo n'este ponto e nenhuma d'essas arvores alcança a margem opposta.

— Então como?

— Construindo uma ponte de pedra.

— Carece para isso de muito tempo, e eu preciso-a, o mais tardar, para quando os sinos da Burcenha annunciem meia-noite.

— Posso-a fazer para essa hora.

— Fazei-a, pois!...

— Que me dá se a construir?

— A vida!...

— Não me basta a sua vida.

— Que mais quer?

— A alma.

— Fazei a ponte sem demora!...

Pronunciando estas ultimas palavras, Catharina estava como que fóra de si, como louca, como desvairada pelo desejo e pela esperança, que inebriam e desvairam como o vinho. Apenas as pronunciou, a razão entremostrou-lhe a gravidade que continham, e quiz retiral-as, ou, quando menos, explical-as, porém o homem mysterioso afastára-se já d'alli, e na margem, velada pelas sombras da noite, que eram já densas, ouvia-se unicamente o ruido de machados, picaretas, enxadas, pás e martellos, como se muitos carpinteiros, canteiros e outros homens de trabalho abrissem a terra e lavrassem madeira e pedra para o cimento, para os pilares e para o arco da ponte.

(Continúa)

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 73)

V

SANTA MARIA DO OLIVAL, MATRIZ DAS EGREJAS DAS ORDENS DO TEMPLO E DE CHRISTO

Corria, pois, o anno de 1159, quando D. Gualdim Paes começou a reconstrucção do castello de Ceras para fortaleza principal da ordem, e ao mesmo tempo a reedificação do antigo mosteiro e egreja dos benedictinos, aquelle para habitação dos cavalleiros durante a paz, e esta para os exercicios do culto divino, e tambem para jazigo dos membros da ordem.

Todavia, em quanto os trabalhos progrediam, reconheceu o mestre dos templarios que a situação do castello era pessima, tanto por se achar em meio de terras aridas e estereis, como por carecer de elevação e de outras condições naturaes, sem as quaes mal se podia defender uma fortaleza, segundo o uso de guerra d'aquelle tempo, contra um exercito forte e aguerrido. Resolveu, por conseguinte, escolher logar mais apropriado para a fundação de uma fortaleza que devia ser o ponto de partida das emprezas cavalleirosas de homens que faziam da guerra profissão de vida e preceito religioso.

Reservando-nos, porém, para em outra occasião mais opportuna nos occuparmos d'aquella escolha e d'esta fundação, trataremos agora da *egreja de Santa Maria do Olival*, que assim o pede a ordem chronologica. Todavia, para não termos de tratar duas ou mais vezes do mesmo assumpto, diremos aqui tudo quanto nos occorrer ácerca da dita egreja, embora tenham as nossas considerações de abranger seculos muito posteriores á epocha que vamos historiando. Cremos que assim é mais conveniente á historia e descripção do monumento, e tambem melhor para que os leitores as possam mais facilmente comprehender e apreciar.

Não obstante dar-se principio á fundação do novo castello no anno seguinte ao do começo das obras da egreja de Santa Maria do Olival, e apesar de se metter de permeio o espaço de quasi um quarto de legoa, não levantou mão d'esta obra D. Gualdim Paes, até a ver concluida.

Está situada esta egreja em um terreno que tem bastante declive nas traseiras do templo, e que na frente d'este, além do adro, é quasi plano, descendo suavemente para o rio, que passa a curta distancia.

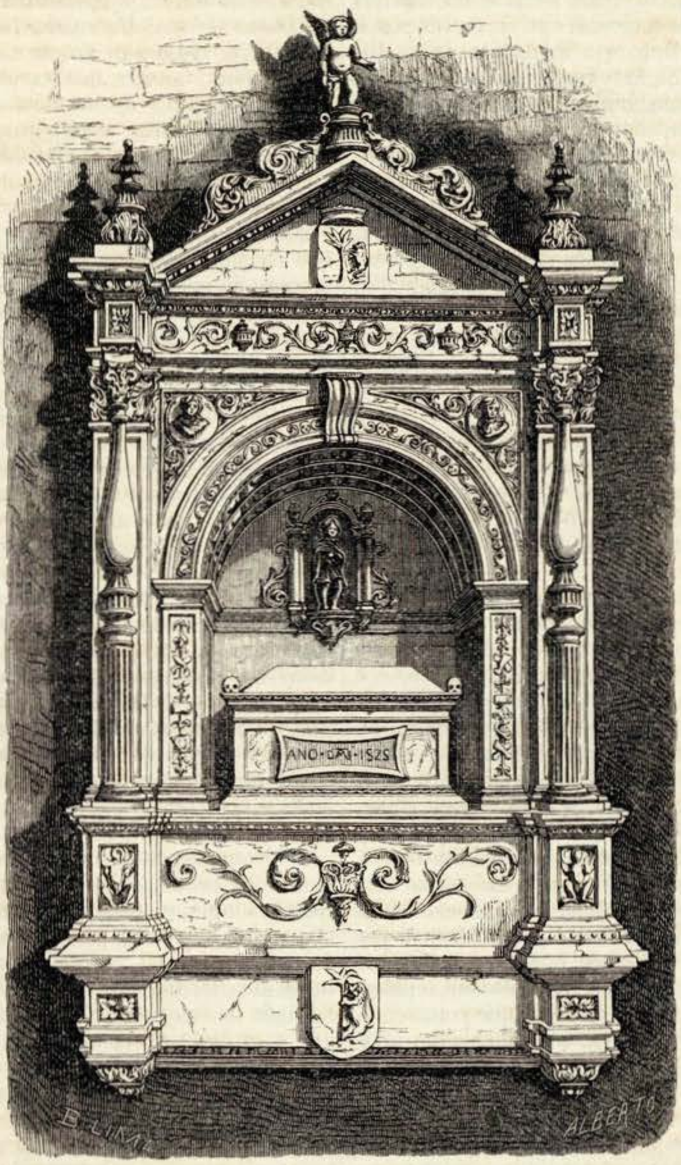
A pequenez do templo, e ainda mais a singeleza da construcção, revelam bem a simplicidade tanto dos costumes como das praticas religiosas no correr do seculo XII.

Dissemos acima que D. Gualdim Paes reconstruira a antiga egreja benedictina. D'isto achámos noticia em mais de um escriptor. Entretanto, visitando este edificio no anno passado, e procurando examinal-o o mais attentamente que nos foi possivel na breve demora que ahi tivemos, não descobrimos parte alguma do templo, quer externa, quer internamente, que nos parecesse anterior ao seculo XII. Ficámos, pois, convencidos de que a reconstrucção de D. Gualdim Paes fôra completa, e de que não resta vestigio algum da egreja do mosteiro benedictino.

Quanto ao monumento dos templarios, cremos que ainda conserva a fórma geral primitiva, mas não assim todas as suas feições architectonicas. Alteraram-lh'as, em grande parte, os reis D. Manuel e D. João III com as obras de reconstrucção que ahi fizeram.

A fachada do templo é muito singela. Consiste a sua ornamentação unicamente nas columnas, delgadas e lisas, com seus capiteis de muita simplicidade e toscamente lavrados, que lhe formam o portico, sustentando o arco de ponto subido ou ogival; e nos relevos que decoram os raios que fazem divisão á vidraça de um grande oculo, que se abre na parede sobre o mesmo portico. O resto da frontaria é inteiramente destituido de ornatos, e como tal proprio dos monumentos religiosos erigidos na infancia da monarchia portugueza. Esta circunstancia, junta ao *signum salomonis*, que alli figura esculpido na pedra, sobre o portal da egreja, emblema usado pelos templarios, e que elles muitas vezes punham nos seus edificios, como em tempos mais modernos praticava el-rei D. Manuel, mandando collocar nos monumentos que fundava a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, emblema e divisa d'este monarcha, offerecem argumentos de algum peso para se poder aventar a opinião de que esta fachada, exceptuando talvez o mencionado oculo, seja obra de D. Gualdim Paes.

É certo, porém, que passou por uma notavel alteração, pois que no reinado de um dos dois soberanos acima nomeados lhe tiraram o alpendre sustentado por columnas de pedra, que lhe cobria a porta e adro. Por essa occasião foram desfeitos dois tumulos chamados dos *Tamarães*, que ahi se erguiam encostados á parede do templo, aos lados da porta. Encerrava um dos tumulos D. Martim Gil, creado conde de Neiva por el-rei D. Diniz, e que fôra mordomo-mór da rainha Santa Isabel, e amo ou camareiro-mór do infante D. Affonso, seu filho. No outro mausoléo jazia pessoa da mesma familia, á qual chamavam dos *Tamarães*, em razão de ter um dos seus membros, que cremos ser o dito D. Martim Gil, instituido n'esta egreja uma capella, que dotou com os bens situados no logar de *Tamarel*, termo da villa de Ourem. Os restos mortaes que se guardavam nos dois tumulos foram trasladados para dentro da egreja.



Mausoléo de D. Diogo Pinheiro, 1.º bispo do Funchal

O alpendre, a que davam o nome de *galilé*, era usado geralmente n'aquelles tempos em quasi todas as egrejas. Serviam estas galilés para diversos fins. Nas grandes solemnidades religiosas, em que a egreja não tinha bastante capacidade para conter o concurso dos fieis, era na galilé que o prégador subia ao pulpito para que todos o ouvissem. Alli se faziam as cathecheses aos neophitos que se dispunham a entrar no seio do catholicismo; e tambem se prégava aos moiros e judeus, persuadindo-os a abraçarem a verdadeira religião. Alli algumas vezes se administrava justiça ao povo, e os pobres e os peregrinos ahi encontravam abrigo das inclemencias do tempo e um logar de repoiso durante a noite. E finalmente, n'essas eras em que se não permittia o enterramento de pessoa alguma dentro das egrejas, mas sim nos adros, ou em volta d'ellas, era na galilé que se enterravam ou depositavam em tumulos os fidalgos e pessoas auctorisadas.

Diz uma memoria antiga, que na galilé da egreja de Santa Maria do Olival havia uma *séde* ou cadeira de pedra, onde se ia sentar para distribuir justiça o alvazil, ou juiz nomeado e posto ahi pelo mestre dos templarios, como senhor que era da jurisdicção civel e criminal d'aquelle territorio, conjunctamente com a ecclesiastica.

Tem crescido tanto o terreno em torno do templo, que é preciso descer sete degraus de pedra para entrar n'elle, tanto pela porta principal como pela lateral. Os degraus por onde se desce para o adro da egreja, mandados construir na mesma occasião em que se demoliu a galilé, são feitos de campas, cor-

tadas e affeiçoadas áquelle fim, nas quaes ainda se vêem os mal apagados caracteres das inscripções sepulchraes!

Não havendo nas proximidades da egreja terrenos mais elevados, aquelle alteamento do solo não poderá deixar de ser devido ao desmoronamento ou demolição de edificios contiguos. E, com effeito, existiram não poucos, construidos em differentes epochas até aos fins do seculo XIII ou principio do XIV. Eram esses edificios, além do antigo mosteiro benedictino, casarias contiguas á egreja, e varios templos ou capellas em torno, umas pegadas á mesma egreja, outras pouco distantes d'ella. Duas tinham a invocação de *S. Miguel*, outras duas de *S. Perofins* e de *Santa Maria Magdalena*. Tinham sido edificadas por devoção especial de differentes fundadores. Tambem em volta da egreja de Santa Maria do Olival se viam alguns mausoléos. De todas estas construcções pouco mais resta que algumas memorias escriptas e os materiaes desfeitos, formando entulhos. A egreja de S. Perofins, que uma tradição, opposta a outra já por nós referida, apontava como sendo o templo do mosteiro benedictino do seculo VII, foi demolida em 1840, quasi simultaneamente com a de Santa Maria Magdalena. Das duas capellas de S. Miguel foi demolida uma para edificação da outra; e d'esta ainda se vêem as ruinas a pouca distancia da egreja matriz.

O interior da egreja de Santa Maria do Olival tambem foi reformado e muito alterado na sua estructura pelos dois referidos monarchas. Provavelmente, segundo o antigo uso, não tinha mais que um só altar, porém na reforma ficou guarnecida de capellas por toda a nave do sul.

É muito censuravel, sem dúvida, este vandalismo com que se mutilava e adulterava um monumento antigo e venerando; mas o que ainda é mais digno de censura, e que excita verdadeira indignação, é o acto barbaro e selvagem praticado n'aquelles dois reinados para com os tumulos que se levantavam debaixo d'aquellas santas abobadas, muitos dos quaes já para alli tinham sido removidos do primeiro logar que occuparam fóra do templo. A obra iniqua começada por el-rei D. Manuel foi concluida por seu filho, el-rei D. João III. Todos os mausoléos foram desfeitos, os mausoléos em que dormiam o seu somno derradeiro D. Gualdim Paes e muitos outros mestres das ordens do Templo e de Christo que se illustraram por acções heroicas, merecedoras de immortalidade! E as cinzas de tantos varões benemeritos foram sepultadas, pela maior parte, sem uma letra que commemorasse seus nomes illustres, sem um signal que indicasse onde jaziam os restos dos que na vida tinham lidado e pugnado pela gloria de Deus e pela honra e engrandecimento da patria!

Se fôra praticado em nossos dias similhante desacato, muita gente o havia de attribuir á depravação do seculo, á sinistra influencia das idéas anti-religiosas. Pois a maior parte d'aquelles actos foram ordenados pelo governo de D. João III, o soberano a quem muitos historiadores denominam o *piedoso!*

São cinco as capellas que guarnecem a nave do sul. Uma d'estas capellas tem hoje a invocação de S. Bartholomeu, mas outr'ora tinha por orago a S. Martinho. Sendo esta capella a que acima dissemos ter sido instituida por D. Martim Gil, conde de Neiva, é fóra de dúvida que as alterações na fabrica primitiva do templo datam de epocha muito anterior ao reinado de D. Manuel; por quanto a fundação da dita capella seria realisada nos fins do seculo XIII ou principio do XIV.

Quando se desfizeram os tumulos dos mestres do Templo e da ordem de Christo, que estavam encostados ás paredes das duas naves lateraes, foram transferidas as ossadas para as cinco referidas capellas.

As cinzas do primeiro mestre dos templarios, nascido em Portugal, escaparam felizmente ao olvido a que foram condemnadas as de quasi todos os outros mestres que alli jazem. O alvião sacrilego fez pedaços o mausoléo onde dormia o seu somno derradeiro o fundador d'aquella egreja; porém ainda se lembraram, ao menos, de gravar um epitaphio na segunda das cinco ditas capellas, para onde levaram as reliquias do illustre finado. Diz assim a inscripção: *Obiit frater Gualdinus magister militum templi Portugalis, era milesima ducentesima trigesima tertia, tertio Idibus Octobris Hic castra Tomaris cum multis aliis populavit, requiescat in pace.* Em vulgar: «Falleceu fr. Gualdim, mestre dos cavalleiros do Templo, em Portugal, aos 13 de outubro de 1233. Este mestre, com muitos outros cavalleiros, povoou o castello de Thomar. Descance em paz.» Aquella era é a de Cesar, e corresponde ao anno de 1195 do nascimento de Christo.

Nas capellas de D. João III não ha coisa alguma que chame a attenção pelo lado da arte. Guarnecidas de obra de madeira pintada, com algumas doiraduras, não tem belleza nem elegancia. A sua construcção prejudicou muito a austera singeleza das tres naves, cujos pilares e arcos ogivaes são inteiramente destituidos de ornamentação.

O tecto da egreja é obra del-rei D. Manuel, assim como a escada que sobe para o côro sobre a entrada do templo. Anteriormente a serventia para o côro era por uma escada de pedra que se encostava á parede exterior da egreja, da parte do norte, na qual ainda hoje se vêem os signaes dos degraus.

A capella-mór é mui pequena e toda rasgada em grandes frestas ogivaes de cantaria lisa. Não se vê em toda esta parte do templo trabalho algum esculptural em pedra, á excepção de um mausoléo de moderna data, que desdiga da simplicidade architectonica do frontispicio e naves da egreja. Antes se acha uma perfeita harmonia de construcção e bastante egualdade na conservação da cantaria entre todas as referidas partes do monumento. Estas circumstancias levam-nos, pois, a crer que a capella-mór seja da fabrica de D. Gualdim Paes.

Pelo que temos observado em bom numero de edificios dos primeiros tempos da monarchia, nunca os reedificadores se occuparam em harmonisarem a architectura das novas obras de reconstrucção com a da fabrica antiga. Isto foi praxe sempre seguida em o nosso paiz, o que podiamos auctorisar com uma infinidade de exemplos. Houve, porém, uma epocha em que essa discordancia se tornou como systematica, de sorte que não se faziam obras em monumento algum das epochas anteriores, sem que se lhe imprimisse qualquer feição da archictetura então em voga. Essa epocha foi a del-rei D. Manuel. Portanto, bastam estas considerações, abstrahindo de todas as outras, para que não se deva attribuir a capella-mór de Santa Maria do Olival, como a alguem parece, ás obras de reconstrucção emprehendidas n'este templo por el-rei D. Manuel. Quanto a el-rei D. João III, ninguem ignora, certamente, que os seus architectos não eram mais respeitadores da arte antiga.

No meio da parede da capella-mór, do lado do Evangelho, e a pouco mais de um metro de altura do pavimento, avulta o magnifico mausoléo que a nossa gravura representa, a qual é cópia de um desenho original do sr. Barbosa Lima.

É um bello specimen de arte do puro estilo da renascença, estilo de que temos mais alguns mausoléos, e algumas capellas e altares, mas que nunca foi empregado pelos nossos architectos para a construcção de outras quaesquer edificações.

Á vista da gravura parece-nos escusada a descripção, pois que n'aquella apparecem fielmente debu-

xados todos os relevos que cobrem o monumento, não obstante a sua muita variedade e delicadeza.

O mausoléo é todo de pedra, e resalta pouco da parede em que está embebido. Diz o epitaphio que alli jaz D. Diogo Pinheiro, primeiro bispo do Funchal, fallecido no anno de 1525.

D. Diogo Pinheiro era vigario de Thomar quando el-rei D. Manuel o nomeou bispo do Funchal, correndo o anno de 1514, e logo depois foi confirmado pelo papa Leão X. Nunca este prelado foi á ilha da Madeira, em razão de o reterem no reino o serviço e negocios del-rei.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ARCHIPELAGO DOS AÇORES

ILHA DE S. MIGUEL — CIDADE DE PONTA DELGADA

(Conclusão. Vid. pag. 116)

A agricultura é favorecida aqui por um solo excellente e por um clima assaz benigno; porém é tal o desvelo com que n'esta terra se aproveitam tão felizes disposições da natureza, que passa em proverbio que os michaelenses até dos pedregaes fazem terrenos uberrimos. E é verdade.

As artes mecanicas aperfeiçoam-se tambem constantemente, podendo o apuro com que algumas são exercidas rivalisar com o que se observa em centros mais adiantados.

A estatistica de instrucção publica em parte alguma do paiz dá resultados mais favoraveis do que em Ponta Delgada. Sería desnecessario decretar para aqui a instrucção obrigatoria, se se facilitassem ao povo todos os meios de instruir-se gratuitamente. O sexo feminino, principalmente, por ser menos aproveitavel para o trabalho nas primeiras edades, todo aprende a ler e se cultiva nas prendas que lhe são proprias; e, á proporção que os meios crescem, mais se desenvolve tambem a cultura moral e intellectual da mocidade feminina. Linguas vivas, especialmente a ingleza, musica e desenho, são considerados dotes indispensaveis de uma menina bem educada.

Não procure o viajante monumentos n'esta terra, nem obras de arte notaveis; pois nem mesmo achará regularidade de arruamentos, extensão de praças, e esmerada elegancia no geral das construcções. Encontra, porém, bastantes edificios apparatosos, confortabilidade em todas as residencias das pessoas abastadas, e aceio nas das que não o são.

Os monumentos de mais valor que encerra são aquelles em que o progresso inscreveu o seu moto e bafejou com as suas auras: hospitaes, asylos, escholas, monte-pios, associações recreativas e de auxilio mutuo.

Das construcções particulares podem apresentar-se como residencias verdadeiramente sumptuosas os palacios dos srs. barão de Fonte Bella e José Jacome Corrêa. Entre os edificios publicos distinguem-se o hospital, o theatro, de que o *Archivo* já deu uma gravura e descripção [1], e acha-se em adiantamento a cadeia e paço das justiças, que, se se completarem conforme o plano approvado, constituirão um vasto e elegantissimo edificio.

O cemiterio, o mercado publico e a feira de gado (esta é em S. Gonçalo) são obras dignas de uma terra de primeira ordem.

A cidade é ainda illuminada a azeite, a despeito das tentativas que se tem feito para a introducção do gaz; e as suas ruas, pela maior parte macadamisadas, são diariamente percorridas por grande numero de ricos e elegantes trens particulares e de aluguer.

[1] Vid. pag. 321 do vol. IX d'este semanario.

A bibliotheca publica, situada no edificio do lyceu, o antigo convento dos gracianos, reune uns 10:000 volumes. Entre as bibliothecas particulares, a do sr. José do Canto é considerada como uma das mais preciosas do reino.

Seis typographias imprimem regularmente dez periodicos, que não pouco contribuem para o desenvolvimento da cultura intellectual.

O principio da associação tem achado n'esta cidade campo ameno para fecundar. São prova d'isto as seguintes sociedades: *club*, *sociedade recreativa* e *gremio recreativo das classes laboriosas*, que procuram o recreio e sociabilidade entre os seus socios e familias; *sociedade de beneficencia*, *sociedade de soccorros*, *monte-pio dos artistas* e *monte-pio ecclesiastico*, que são de soccorros mutuos; *sociedade dos amigos das letras e artes*, que sustenta escholas de instrucção popular; *sociedade do asylo de infancia desvalida* e *asylo Maria Theresa*, onde se educa a infancia e ampara a velhice pobre; *progresso*, que promove a instrucção de musica instrumental; e *sociedade de agricultura*, que é a primeira de Portugal, e á qual deve relevantissimos serviços a industria agricola de S. Miguel.

A misericordia, que dispõe de um rendimento excedente a 30:000$000 réis, exemplarmente administrado, sustenta um hospital que póde servir de modelo pelo aceio e desvelado tratamento dos enfermos pobres, cujo movimento é superior a tres mil em cada anno, além de outros serviços caridosos que dispensa á desgraça.

Do unico passeio publico que por em quanto possue esta cidade, o chamado *da Mãe de Deus*, goza-se um panorama verdadeiramente arrebatador. Os graciosos montes que o circundam, onde não ha leira em pousio; os campos risonhos de uma vegetação luxuriante, matizados de alvejantes e poeticas vivendas; jardins opulentissimos em riquezas de flora; bellezas artisticas dilatando-se por diversos pontos; e ao fundo o Oceano immenso espreguiçando-se até ás casarias, sulcado de continuo por empavezadas velas; eis o quadro em que Ponta Delgada se destaca, e que se não contempla sem profunda commoção.

Nenhum viajante deixa de consagrar algumas linhas ás impressões que elle lhe produz, mas não ha penna ou buril, por mais inspirados, que o possam reproduzir. Não ha muito que um sabio naturalista francez, a quem a fauna dos Açores deve bellos estudos, escreveu n'um seu livro:

«D'este ponto culminante goza-se de um horisonte extensissimo. Fita-se o olhar sobre magnificos jardins que circundam a cidade, e prolonga se até aos cumes das montanhas longinquas. A verdura dos campos de trigo e milho é matizada pelos laranjaes, que projectam por uma e outra parte vigorosas sombras, e por lindas casas campestres que se vêem alvejar em todas as direcções. Em fim, para augmentar o encanto do quadro, grandissima quantidade de passaros celebram em seus cantos a abundancia, a paz e a doçura inalteravel do clima.

«Para sul e para léste, a vista do espectador, depois de dominar a cidade, repoisa sobre o immenso Oceano. *Este espectaculo é grande, e por tal fórma completo*, que não deixa coisa alguma a desejar e nada a imaginar. Não póde escolher-se melhor ponto para se tributarem homenagens ao Creador.»

Para terminar este já extenso artigo resta-nos fallar dos jardins, a que por tantas vezes se allude. Para isto copiaremos aqui alguns paragraphos de um extenso e bello trabalho, recentemente dado á luz no *Instituto* de Coimbra, sob o titulo: *A ilha de S. Miguel e o jardim botanico de Coimbra*, de que é auctor mr. Edmond Gœze, naturalista director d'aquelle estabelecimento universitario, para o qual veiu no ul-

timo estio a esta ilha fazer provisão de plantas. Diz o sr. Gœze, recommendado discipulo de mr. Ducaisne, director do jardim das plantas, de Paris:

«Resta-nos fallar ao leitor dos jardins encantadores que existem em Ponta Delgada ou nas suas visinhanças.

«O jardim do sr. José do Canto é inquestionavelmente o mais rico de todos, possuindo talvez mais de 3:000 especies. Nenhum dos jardins particulares que tive occasião de visitar na Europa lhe póde ser equiparado. Deve, porém, melhorar ainda muito, logo que o distincto proprietario voltar de Paris, aonde se tem demorado.

«...Foi n'este jardim que podémos estudar a vegetação dos paizes estrangeiros; foi d'elle tambem que trouxemos mais de 800 especies.

«...Poucos passos é necessario dar para entrar em outro jardim, que offerece não pequeno interesse, apesar de não ser tão rico, e com satisfação fallâmos d'elle, até porque o seu proprietario, o sr. José Jacome Corrêa, se dignou offerecer á universidade quasi 100 especies.

«Prende logo a attenção do viajante um bello palacete com um lago e relva virente, matizada por grupos de flores, a que se associam em varios pontos lindos grupos de arvores exoticas. Ser-nos-hia facil occupar largo espaço descrevendo tantos thesouros.

«...Cada um dos jardins de que temos fallado tem sua especialidade; é, porém, no do sr. Antonio Borges da Camara, de que nos vamos occupar, que encontrámos, sem dúvida, mais originalidade. N'elle occupam o primeiro logar as cycadaceas, as palmeiras e os fetos.

«Admirando estes raros e bellos vegetaes, podémos egualmente maravilhar-nos da disposição tão artistica e natural que o sr. Borges adoptou. Era necessario muitissimo gosto para que se podessem conseguir effeitos tão surprehendentes.

«Para crear grutas phantasticas, formadas por grandes rochas volcanicas, variedade de fórmas e côres, é absolutamente indispensavel a perfeita união da sciencia e da arte.

«O sr. Ernesto do Canto, a quem o nosso jardim (da universidade) deve tambem uma boa collecção de plantas, possue pela jardinagem o mesmo gosto que seu irmão mais velho. Apesar de ter encetado este caminho ha poucos annos, podémos ver já as suas producções, e seu optimo jardim, perto da cidade, povoado por plantas escolhidas e optimamente dispostas.

«Os jardins dos srs. barões das Laranjeiras e de Fonte Bella, visconde da Praia, Scholtz e Berquó, o do jardineiro inglez mr. Brown, e o da sociedade de horticultura de Ponta Delgada, offerecem bastante interesse, sem comtudo chegarem á perfeição d'aquelles de que temos fallado.»

O testimunho, além de auctorisado, é insuspeito, porque nenhum amor de localidade ou de patria podia para elle influir.

Sentindo não podermos alongar-nos mais, terminâmos tambem, com pena de nos não explanarmos muito mais ácerca de coisas d'esta formosa terra, incontestavelmente a mais brilhante esmeralda do rico e bello archipelago açoriano.

30 de maio de 1867. F. M. Supico.

QUANDO UNS HEREGES TOMAM UMA PRAÇA AOS PORTUGUEZES

Quem havia de crer que em uma colonia chamada de portuguezes se visse a egreja sem obediencia, as censuras sem temor, o sacerdocio sem respeito, e as pessoas e logares sagrados sem immunidade!

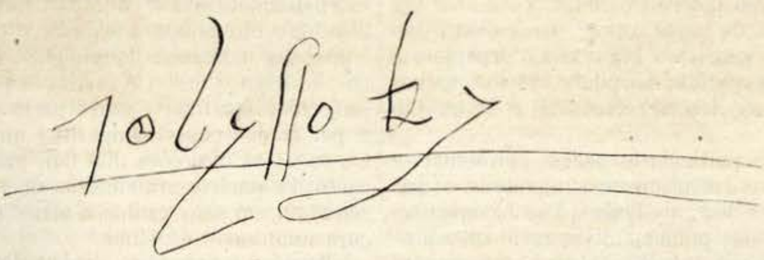
Quem havia de crer que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos religiosos, e leval-os presos entre beleguins e espadas nuas pelas ruas publicas, e tel-os aferrolhados e com guardas até os desterrarem!

Quem havia de crer que com a mesma violencia e affronta lançassem de suas christandades aos prégadores do Evangelho com escandalo nunca imaginado dos antigos christãos, sem pejo dos novamente convertidos, e á vista dos gentios attonitos e pasmados!

Quem havia de crer que até aos mesmos parochos não perdoassem, e que os chegassem a despojar de suas egrejas, com interdicto total do culto divino e uso de seus ministerios, ficando as egrejas ermas, os baptisterios fechados, os sacrarios sem Sacramento, em fim, o mesmo Christo privado de seus altares e Deus de seus sacrificios! P. Antonio Vieira.

RECTIFICAÇÃO

A pag. 106, col. 2.ª, em vez de =conchyliologia= deve ler-se =conchyologia=.



Fac-simile da assignatura de D. Francisco de Almeida [1]

Era D. Francisco de Almeida do conselho e da corte, cavalleiro de S. Thiago, com a egreja do Sardoal em commenda da ordem de Christo, 1.º vice-rei da India. Saíu de Lisboa em 25 de março de 1505; chegou a Angediva em 12 de setembro; a Cananor em 24 de outubro, onde assumiu o titulo de vice-rei; passou d'aqui para Cochim em o 1.º de novembro immediato, e n'esta cidade fixou o seu assento; largou o governo ao seu successor, Affonso de Albuquerque, nos fins de outubro, e se embarcou para Portugal em 18 de novembro; e em o 1.º de março de 1510, na desgraçada saída da Aguada de Saldanha, foi morto pelos negros, na edade de 60 annos. Este verdadeiro *Machabeo lusitano*, como lhe chama o nosso Francisco de Macedo, foi tão insigne heroe, que justamente disse Camões *chorará por elle sempre o Tejo*. Mas quem dissera que quatro cafres com paus tostados tiveram poder para tirar a vida, nas praias africanas, a um heroe, contra o qual tantos exercitos e tantas naus carregadas de tantos homens bellicosos com armas de fogo e machinas horrendas foram de nenhum effeito!

Abbade de Castro.

1 Vid. o artigo que a respeito do grande vice-rei se inseriu no vol. IX d'este semanario.